

# Contribuição ao estudo do vocabulário da habitação: A palavra casa nos dicionários da Língua Portuguesa

**Ieda Maria Alves**

Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas/  
FFLCH/Universidade de São Paulo

## 1. Introdução

O objetivo deste texto é contribuir, por intermédio da Lexicologia, para os estudos da cultura material examinando a palavra casa tal como ocorre nos dicionários da Língua Portuguesa.

O léxico de uma língua, definido como o conjunto de todas as palavras de uma língua, é o nível de análise lingüística que mais reflete o universo extralingüístico. <sup>(1)</sup>

Alguns lingüistas, de formação lexicológica, manifestaram-se a esse respeito. Lemos, por exemplo, em Biderman (1981:138):

“O léxico pode ser considerado como o tesouro vocabular de uma determinada língua. Ele inclui a nomenclatura de todos os conceitos lingüísticos e não-lingüísticos e de todos os referentes do mundo físico e do universo cultural, criado por todas as culturas humanas atuais e do passado. Por isso, o léxico é o menos lingüístico de todos os domínios da linguagem. Na verdade, é uma parte do idioma que se situa entre o lingüístico e o extra-lingüístico.”

É em Isquierdo (1993: 825):

“É justamente no nível lexical que as formas se articulam de maneira a possibilitar a representação e a configuração das experiências do grupo, visto ser o léxico o elemento que revela a história social e cultural do grupo, sua experiência de vida e o modo como organiza simbolicamente o mundo.”

1. Seguimos a distinção estabelecida por Wagner (1967, v.1: 17) entre *léxico e vocabulário*: “léxico designa o conjunto das palavras por meio das quais os membros de uma comunidade lingüística se comunicam (...) Na realidade cada indivíduo somente se serve de uma parte restrita do léxico. Neste nível, o termo vocabulário designa convencionalmente um domínio do léxico que se submete a um inventário e a uma descrição.”

Como conseqüência de as unidades lexicais refletirem aspectos do mundo extralingüístico, Matoré, em *La méthode en lexicologie* (1953), contesta os lingüistas que, como Ferdinand de Saussure, consideram a Lingüística uma ciência autônoma, cujo único objeto é o estudo da língua. Na mencionada obra, Matoré enfatiza que a Lexicologia, longe de constituir uma disciplina isolada, voltada apenas para a análise das unidades lexicais, estabelece relações com ciências afins (História, Sociologia, Psicologia Social, Psicofisiologia e Fisiologia) e, dentre elas, particularmente com a História e a Sociologia (p. 47-51).

A Lexicologia e a Sociologia têm, como objeto, o estudo dos fatos sociais. Distinguem-se, no entanto, no que concerne ao ponto de vista: para a Lexicologia, ao contrário da Sociologia, é partindo do estudo do vocabulário que se pode explicar uma sociedade. A Lexicologia é, por isso, definida por Matoré como uma "disciplina sociológica que utiliza o material lingüístico constituído pelas palavras". Dotada de caráter sintético, a Lexicologia deve servir-se de materiais emprestados pela História da Civilização, pela Lingüística, pela História Econômica.

Em relação à História, considera Matoré que a Lexicologia deve utilizar os ensinamentos dessa disciplina, especialmente os provenientes da História Econômica, da História dos Costumes e sobretudo dos trabalhos de síntese histórica. As duas disciplinas, segundo o Autor, adotam o mesmo ponto de vista: ambas consideram uma época determinada como um fenômeno total, susceptível de ser apreendido em uma síntese significante.

Se, atualmente, as idéias de Matoré a respeito das relações estabelecidas pela Lexicologia com a Sociologia e a História são consideradas exageradas - pelo fato de esse lexicólogo esquecer-se, sobretudo, de que o léxico é constituído por unidades de caráter lingüístico -, é certo que o léxico reflete, muito mais do que os outros níveis lingüísticos, o mundo exterior. Assim, é possível analisar, por meio da evolução do significado das palavras, alguns aspectos referentes à cultura de uma sociedade.

Esses aspectos têm sido estudados em dois tipos de *corpora*: materiais lingüísticos propriamente ditos, constituídos por textos literários, jornalísticos, documentos diversos; materiais metalingüísticos, que são os dicionários de língua.

#### O vocabulário da habitação

Os trabalhos de cunho lexical que abordam o vocabulário da habitação têm-se apoiado no trabalho clássico de Mounin (1965), sobre o léxico francês, em que o Autor parte da perspectiva de que o conceito da habitação inclui tudo o que designa um lugar utilizado para ser habitado de maneira habitual ou temporária. Tomando como *corpus* dois dicionários franceses, o *Petit Larousse* (1962) e o *Dictionnaire Quillet* (1957), Mounin seleciona cento e quarenta e seis unidades lexicais relativas à habitação. Dentre essas unidades, algumas revestem-se de um caráter genérico (*appartement, logement, maison*), outras referem-se a uma variedade diatópica (*igloo, kibboutz*). Certas designações têm uma finalidade muito específica (*château,*

*consulat, hôpital, monastère, villa*) ou indicam uma determinada cultura, como *gynécée* e *harem*.

Em vista da complexidade desse campo lexical, Mounin organiza as unidades lexicais em um conjunto de articulações, constituído pelos traços sêmicos, ou significativos, que integram cada uma dessas palavras.

Assim, o sema básico "lugar construído para habitação", encontrado em todas as unidades lexicais do campo da habitação, é realizado na palavra *maison* (português *casa*), que se torna, por isso, o arquilexema desse campo. Para estabelecer a distinção entre o arquilexema e as demais unidades lexicais, o Autor estabelece as seguintes articulações: habitação habitual / habitação não-habitual; na cidade / fora da cidade; de pouco valor / de muito valor; pequena / não-pequena; modo de construção habitual / modo de construção não-habitual (cf. também Mounin, 1972: 104-29 e Vilela, 1979: 89-93).

Esse estudo de Mounin serviu de base a outros trabalhos sobre o vocabulário da habitação, de cunho genérico - como o de Bidu-Vrancenu (1974), sobre o romeno, e o de Almeida (1991), sobre o léxico do português - ou relativos a um autor, dentre os quais podemos citar o de Martel (1969), em que esse lexicólogo estuda o vocabulário da habitação na obra de Rutebeuf.

Neste trabalho, estudamos alguns aspectos do vocabulário da habitação, em português, aspectos esses analisados sob uma perspectiva histórica. Para a consecução desses objetivos, estudamos a unidade lexical *casa* em obras metalingüísticas, os dicionários de língua do português. Repertórios que registram o léxico da língua, os dicionários de língua refletem a evolução semântica das unidades lexicais e, por meio de exemplos e citações, informam sobre o funcionamento morfossintático e pragmático dos elementos do léxico.

## II. A unidade lexical *casa* nos dicionários da língua portuguesa

### A acepção histórica

Originária do latim *casa*, *ae*, a palavra portuguesa *casa* já está registrada nos primeiros dicionários de língua do português.

O *Elucidário* de Viterbo (1965-6, v. 2: 77. Primeira edição datada de 1798), que registra as "palavras, termos e frases que em Portugal antigamente se usaram e que hoje regularmente se ignoram", consagra um verbete à forma *cas*. Essa mesma forma é também registrada por Bluteau (1712, v. 2: 172) e Vieira (1871, v. 2: 129). Em Vieira, vemos que *casa* constitui uma alteração de *cas*, forma "antigamente usada". No verbete dedicado a *cas*, explica-nos Viterbo que essa unidade lexical significa "casa, residência, mosteiro". O lexicógrafo cita o Documento da Guarda, de 1298, em que manda Mestre Afonso que seu corpo seja soterrado: "*En Cas dos Frades Meores de S. Francisco da Guarda.*"

Vieira, na obra mencionada, registra que *casa* origina-se do latim *casa*, proveniente da raiz *scad* (ou *skad*), a que se juntou o sufixo *ta*, originando a forma *scad-ta*. Como o sistema fonológico latino permitia a queda do *-s* inicial, a forma primitiva era também pronunciada como *cad-ta*, e, muitas vezes

2. A mesma grafia *cassa* é atestada por Machado (*op. cit.*) em documentos redigidos em romance no final da Idade Média:

"... mandou com elles outros caualleros e escudeyros de sua casa..." (*Crónica do Condestabre*, 1911).

3. O latim possui, além de *casa,ae*, uma outra designação para o lugar de habitação: *domus,i* ou *us*, que Saraiva (1993: 393) traduz para o português como "casa, morada, habitação; domicílio (termo jurídico)". No verbete relativo a *casa,ae*, registra esse lexicógrafo:

"Virg. Choupana, cabana, casebre, arribana. *Aedificare casas*. Hor. *Ita fugias, ne praeter casam*. Ter. Quando fugires, não passes além da casa, i.é., não se deve fazer demasiado bem."

também, como *cas-as* - daí originando *casa*. Procedimento análogo pode ser encontrado em *cad-tus*, que, formado a partir de *cado*, originou *cas-su-s*, *ca-su-s*, entre outros exemplos.

A raiz *skad*, forma secundária de *ska*, significa "cobrir, proteger". Encontra-se no grego *skia* e no sânscrito *khâjâ* ("sombra"), no grego *ske-nê*, no lituano *shê-tra*. A raiz secundária *skad* é encontrada no sânscrito *k'had* ("cobrir"), no gótico *ska-du-s* ("sombra"), no alemão *schatten*. Observa-se, assim, que a raiz que deu origem a *casa* significava "abrigo, lugar protegido"

Em Machado (1989, v.2: 87), observa-se o emprego do latim *casa* em textos medievais, escritos em latim e datados de 870:

"... et adicimus ibidem...casas cubos cubas et omnia edificia..." (Diplomata et Chartae, No 5: 4, Portugaliae, 1856);

e de 968, com a grafia *cassa*:

"... uendimus uouis in ipsa uilla cassas pomarios terras sautus denesas..." (Diplomatae et Chartae, doc. no 98: 61, Portugaliae, *id.*).<sup>[2]</sup>

Bluteau (*op. cit.*) ilustra o emprego de *casa* e da palavra latina equivalente *domus, us* por meio de vários exemplos, inseridos em frases:<sup>[3]</sup>

"Casas de muitos sobrados. *Domus plures habens consignationes.*"

"Casa, que tem diferentes quartos. *Domus multa membra habens, ou pluribus regionibus distincta.*"

Alguns dos exemplos citados por Bluteau são extraídos do escritor romano Cícero:

"Os que se não abalarão de sua casa. *Qui se domo non commoverunt.*"

"Na minha casa não há cousa segura. *Nihil inter meos parietas tutum.*"

O significado de "abrigo, lugar protegido" é mantido nas acepções que encabeçam os verbetes relativos a *casa*, encontrados em Bluteau (1712 e 1721):

"Morada de casas, edificio, em que vive huma familia com seus moveis, & alfaias, amparada das injurias do tempo. *Domus, us.*" (1712: *ibid.*)

"He palavra Latina de Casa, que quer dizer Choupana; que as casas dos primeiros habitadores do Mundo eraõ choupanas, cubertas de colmo, ou palha, e talvez de folhas; tinhaõse por bem agazalhados aquelles, que se recolhiaõ em grutas, ou cavernas como diz Ouidio: *Domus antra fuerunt.*" (Bluteau, *Supplemento ao Vocabulario Portuguez*, 1721, v.1: 203)

Nas obras de Moraes e de Vieira encontramos uma acepção mais genérica para *casa*, acepção essa ainda mantida contemporaneamente:

"Edificio onde habita gente. Morada. Habitação." (Moraes, *ibid.*)

"Edificio que serve de habitação." (Vieira, *ibid.*)

Vieira cita alguns documentos, datados do período arcaico da língua portuguesa, em que transparece essa acepção:

*"Casas e vinhas e outras possiões do nosso rreyno quer seiam de nobres homeens quer doutros coutemolas en esta guisa."* (Doc. de 1211, em Portugal. Mon. Historica, Leges, I, 166)

*"Os ponha em huma caza Ambos e dous em maneira que dhi em diante dormam em huum e coymham em huum e faça vida em huum como marido e molher devem fazer."* (Doc. de 1377, no Corpo diplomático portuguez, publ. pelo visconde de Santarem, v. I: 365)

O mesmo lexicógrafo registra essa acepção de casa em textos de autores renascentistas e do século XVII:

*"E vindo já bom pedaço, trazendo o rolo da gente algumas vaccas, e crianças que acharam pelas casas."* (Barros, Decada II, liv. III, cap. 1)

*"E, sendo da ociosa mão movido (o reflexo do sol)  
Pela casa do moço curioso,  
Anda pelas paredes e telhado,  
Tremulo, aqui e alli dessocegado."* (Camões, 1572, cant. VII, est. 87)

*"E que, em tanto que a nova lhe chegasse  
Da sua estranha vinda, se queria,  
Na sua pobre casa repousasse,  
E do manjar da terra comeria."* (*id, ibid.*, cant. VIII, est. 27)

*"Tambem farão Mombaça, que se arreia  
De casas sumptuosas e edificios,  
Co'o ferro e fogo seu queimada e feia."* (*id., ibid.*, cant. X, est. 27)

*"Depois que passei a vida até idade de dez ou doze annos na miseria e estreiteza da pobre casa de meu pay na villa de Montemór o velho, hum tio meu, parece que desejoso de me encaminhar para melhor fortuna, me trouxe á cidade de Lisboa."* (Pinto, 1614, cap. 1)

*"Mudar humas casas a outras he em alguma maneira esquivo."* (Mello, 1651)

*"Perguntem-se n'este caso as paredes das casas mais antigas."* (*ibid.*)

Essa mesma acepção transparece nos dicionários portugueses dos séculos XIX e XX:

*"Edifício para habitação."* (Freire, v.2 : 1282)

*"Edifício destinado a habitação; prédio, vivenda: Uma casa apalaçada."* (Aulete, v.1: 644)

*"Edifício de um ou poucos andares, destinado, geralmente, a habitação."* (Ferreira, 1986: 362)

*"Qualquer construção usada como moradia. Há casas de alvenaria, de madeira, de pedra."* (Biderman, 1992: 184)

*"Nome comum a todas as construções destinadas a habitação."* (Costa e Melo, 1994: 357)

*"Edifício para habitação."* (Dicionário universal, 1995: 302)

*"Edifício para habitação: uma casa moderna"* (Figueiredo, 1996, v.1: 544).

Bluteau (1712 e 1721) cita vários adágios em que a unidade lexical *casa* manifesta esse significado:

"Casa, em que não ha cão, nem gato, he casa de velhaco."  
"Casa de pay, vinha de Avó."  
"Em casa do fezudo, se faz o paõ miudo."  
"Nem em tua casa galgo, nem à tua porta fidalgo."  
"O homem na praça, & a mulher em casa." (1712: *ibid.*)

"De boa Casa, boa braza."  
"De Casa do gato, não vay o rato farto."  
"Quem faz a Casa na Praça, huns dizem, que he alta, outros, que he baixa."  
"Estar como villaõ em Casa de seu sogro."  
"Em sua Casa, cada qual he Rey." (1721, *ibid.*)

Outros são citados por Vieira (*ibid.*):

"Uma hora cae a casa, que não cada dia."  
"Porem huma ora cae a casa, e tantas vezes vay o cantaro á fonte té que quebra."  
"Casa onde nam há pam todos pelejam (hoje ralham) e ninguem tem razam."  
"Casa que nam cria, sempre pia."  
"Casa, vinho e potro fação outro."

#### *Outras acepções da unidade lexical casa*

Unidade lexical bastante freqüente na língua portuguesa, *casa* foi-se tornando, por isso, extraordinariamente polissêmica.

Além de possuir vários significados, alguns dos quais figurados, a palavra *casa* é amplamente utilizada em sintagmas nominais, em que ocupa a posição inicial e principal. Nesses casos, designa um local específico para uma determinada finalidade, que é explicitada por um complemento. Exemplos desses sintagmas já se encontram em Bluteau (1712: *ibid.*) e Moraes (*ibid.*):

*casas fortes* - "torres, castellos."

e em Vieira (*ibid.*):

*casa de educação* - "collegio, casa em que se recebem crianças pensionadas para lhes dar a instrução."

*casa de comércio* - "ou, ellipticamente, casa, casa em que se faz trafico mercantil.- Abrir uma casa de commercio. - F...acaba de abrir uma casa em Lisboa.- É caixeiro d'uma grande casa do Rio de Janeiro."

*casa de comissões* - "casa de um negociante que faz commissões."

*casa de jogo* - "casa publica em que se joga a dinheiro."

*casa de bilhar* - "casa em que há jogo publico de bilhar."

*casa de pasto* - "casa onde se vae comer por preços determinados."

*casa de detenção* - "cadeia, prisão."

*casa penitenciária* - "penitenciaria."

*casa de caridade* - "casa em que se dá socorro aos pacientes."

*casa de esgrima* - "casa em que se dão lições de esgrima."

*casa dos contos* - "antigamente a casa de administração do erario."

*casa do cível* - "antigo tribunal de juizes de alçada, que conheciam das appellações civeis, que vinham de além de 5 leguas da côrte, e dos crimes de Lisboa e termo."

*casa dos vinte e quatro* - "casa em que se reuniam os chefes das corporações dos officios. Por extensão: Os chefes reunidos das corporações dos officios."

*casa mobilada* - casa em que se alugam quartos e salas mobiladas."

*casa de campo, de prazer* - "casa que se tem no campo para recreio."

*casa de suplicação* - "antigo tribunal supremo de justiça, que se fixou em Lisboa por lei de 27 de julho de 1852, sendo até então ambulante e acompanhando a côrte."

Vários outros sintagmas construídos com *casa* são encontrados nos dicionários do século XX. Dentre eles, mencionaremos alguns brasileirismos registrados por Caldas Aulete (*ibid.*):

*casa brejada* (Ceará) - "casa de chão úmido."

*casa de bagaço* (Nordeste) - "lugar em que se guarda o bagaço da cana moída, que vai servir de combustível."

*casa de purgar* - "dependência do engenho de bangüê, onde se deixa o açúcar para escorrer o mel."

*casa casa de tolerância de recurso* - "aquela onde se alugam quartos para entrevistas amorosas."

e por Ferreira (*ibid.*):

*casa de aviamento* (Sul) - "telheiro, alpendre ou simples puxado, lateral à moradia do pescador, e onde fica o forno, se limpa o peixe e executam outros serviços."

*casa de farinha* - "telheiro ou abrigo destinado ao preparo de farinha de mandioca."

*casa popular* - "a que é construída por órgão de assistência social, para moradia de famílias de baixo poder aquisitivo."

O campo lexical de *casa*

O conceito de campo lexical, definido como os "laços entre uma série de termos do vocabulário" (Dubois, 1978: 366), permite verificar as unidades lexicais que estabelecem uma relação paradigmática com *casa* e que, analogamente, designam uma espécie de "habitação, lugar para morada". Nos dicionários de língua estudados, esse campo lexical pode ser estabelecido por meio das remissivas que *casa* mantém com outras unidades lexicais.

Em Bluteau (1712), encontramos algumas unidades lexicais que, como *casa*, pertencem ao campo léxico da habitação:

*habitação* - "Morada" (v. 4: 4)

*morada* - "A habitação ordinaria de cada hum. Garças de morada, chamaõ os caçadores àquelles, que sempre costumaõ andar em huma ribeira, ou lagoa." (v.5: 573)

*residencia* - "A continuada assistencia de alguem em algum lugar." (v.7: 181)

e também o termo técnico *domicílio*:  
*domicílio* - "Por esta palavra entendem os juristas não só a casa em que se assiste, de passagem, mas a que se escolheu para vivenda própria, & fixa, quando menos pello espaço de anno inteiro. Segundo o livro 2. Da Orden Tit. 55." (v. 2: 284)

No *Elucidário* (*op. cit.*), Viterbo dedica verbete - além de cas - apenas a *moradêa*:

*moradêa* - "Moradia, residência, casaria. *E relinqüimos a moradêa ao dito Moesteiro.* Documento de Pendorada de 1312 e 1313." (v.2: 421)

A essas unidades lexicais, Moraes (*op. cit.*) acrescenta algumas outras:  
*estância* - "Assento, morada." (v.1: 771)  
*pousada* - " Casa onde pousa o caminhante (...) fig. Hospício; morada; domicílio." (v.2: 480)  
*vivenda* - "O ato de viver domiciliado em algum lugar; v.g. tem alli casas de vivenda; fez alli sua vivenda." (v.2: 860)

Essas mesmas unidades lexicais são todas registradas nos demais dicionários citados.

Nos dicionários editados no século XX, observa-se que a unidade lexical *domicílio*, que contemporaneamente ainda conserva a acepção jurídica, é também empregada em sentido genérico. Assim, a título de exemplo, transcrevemos o verbete *domicílio* registrado em Freire (*op. cit.*):

*domicílio* - "A habitação, a casa de residência. // 2. *Jur.* O lugar onde o cidadão tem a sua residência permanente." (v.2 : 1998)

### III. Considerações finais

Concluindo este estudo sobre o registro da unidade lexical *casa* nos dicionários de língua do português, podemos reiterar as afirmações expostas na Introdução deste trabalho, segundo as quais o léxico de uma língua reflete, muito mais do que os outros níveis da análise lingüística, o universo extralingüístico.

Desse modo, a palavra *casa*, que no latim significava "choupana, abrigo, lugar protegido", passou a expressar também a acepção mais genérica de "habitação", que até hoje mantém. Por meio dos inúmeros grupos sintagmáticos em que se vai inserindo, grupos esses que a particularizam e especificam a finalidade do tipo de habitação, essa unidade lexical foi adquirindo novos matizes e, ao refletir a evolução e a variedade dos tipos de habitação - *casa de comércio, casa de educação, casa de pasto, casa de purgar...*-, reflete igualmente o desenvolvimento da sociedade luso-brasileira.



## BIBLIOGRAFIA

- ALMEIDA, Maria Antonieta Carbonari de. O campo léxico da habitação. *Anais do CELLIP*: 13-20, 1991.
- BARROS, João de. *Asia de João de Barros, dos feitos que os portugueses fizeram no descobrimento e conquista dos mares e terras do Oriente*. Lisboa: Germão Galhardo, 1552.
- BIDERMAN, Maria Teresa Camargo. A estrutura mental do léxico. *Estudos de filologia e lingüística*. São Paulo: T. A. Queiroz, Editora da Universidade de São Paulo, 1981: 131-45.
- 
- \_\_\_\_\_ *Dicionário contemporâneo do português*.  
Petrópolis: Vozes, 1992.
- BIDU-VRANCEANU, Angela. Contribution à l'analyse structurale du lexique. Le lexique de l'habitation en roumain. *Revue Roumaine de Linguistique*, v. 19: 321-43, 1974.
- BLUTEAU, Padre D. Rafael. *Vocabulario portuguez e latino*. Coimbra: Collegio das Artes da Companhia de Jesus, 1712. 10 vol.
- BLUTEAU, Padre D. Raphael. *Supplemento ao vocabulario portuguez, e latino, que acabou de sabir à Luz*. Lisboa Occidental: Oficina de Joseph Antonio da Silva, 1721. 8 vol.
- CALDAS AULETE. *Dicionário contemporâneo da língua portuguesa*. 2a ed. brasileira. Rio de Janeiro: Delta, 1970. 5 vol.
- CAMÕES, Luís de. *Os Lusíadas*. Lisboa: Casa de Antônio Gonçalves, 1572.
- COSTA, J. Almeida e MELO, A. Sampaio e. *Dicionário da língua portuguesa*. 7a ed. Porto: Porto Editora, 1994.
- CRÓNICA DO CONDESTABRE DE PORTUGAL DOM NUNO ALVARES PEREIRA. Revisão, prefácio e notas de Mendes dos Remédios. Coimbra: 1911.
- DICIONÁRIO UNIVERSAL DA LÍNGUA PORTUGUESA. Lisboa: Texto Editora, 1995.
- DUBOIS, Jean *et alii*. *Dicionário de lingüística*. Trad. do francês de F.P. Barros *et alii*. São Paulo: Cultrix, 1978.
- FIGUEIREDO, Candido de. *Grande dicionário da língua portuguesa*. 25a ed. Lisboa: Bertrand, 1996. 2 vol.
- FREIRE, Laudelino. *Grande e novíssimo dicionário da língua portuguesa*. 3a ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1957. 5 vol.
- ISQUERDO, Aparecida N. Algumas observações sobre o léxico do seringueiro acreano. *Estudos Lingüísticos Anais de Seminários do GEL*, Ribeirão Preto, v.22: 824-31, 1993.

MACHADO, José Pedro. *Dicionário etimológico da língua portuguesa*. 5a ed. Lisboa: Livros Horizonte, 1989. 5 vol.

MARTEL, Pierre. Étude sémantique et essai de structuration lexicale du vocabulaire de l'habitation dans l'oeuvre de Rutebeuf. *Bulletin des Jeunes Romanistes*, Strasbourg, v. 16: 12-32, 1969.

MATORÉ, Georges. *La méthode en lexicologie*. Paris: Didier, 1953.

MELLO, Francisco Manoel de. *Carta de guia de casados*. Lisboa: Oficina Craesbeeckiana, 1651.

MOUNIN, Georges. *Clefs pour la sémantique*. Paris: Seghers, 1972.

---

Essai sur la structuration du lexique de l'habitation.  
*Cahiers de Lexicologie*, Paris, v. 6: 9-24, 1965.

PINTO, Fernão Mendes. *Peregrinação de Fernão Mendes Pinto. Em que dá conta de muitas e muito estranhas cousas que viu e ouviu no reino da China, no da Tartária, no da Somã, que vulgarmente se chama Sião, no de Calaminhã, no de Pegu, no de Martauão, e em outros muitos reinos e senhorios das partes orientais, de que nestas nossas do Ocidente há muito pouca ou nenhuma notícia*. Lisboa: Pedro Craesbeeck, 1614.

PORTUGALIAE MONUMENTA HISTORICA a saeculo VIII post Christum usque ad quintum decimum. Lisboa: Academia das Ciências de Lisboa, 1856.

SARAIVA, F. R. dos Santos. *Novíssimo dicionário latino-português*. 10a ed. Rio de Janeiro: Garnier, 1993.

VIEIRA, Dr. Frei Domingos. *Grande dicionario portuguez. Thesouro da lingua portugueza*. Porto: Ernesto Chardon e Bartholomeu H. de Moraes, 1871. 5 vol.

VILELA, Mário. *Estruturas léxicas do português*. Coimbra: Almedina, 1979.

VITERBO, Fr. Joaquim de Santa Rosa de. *Elucidário das palavras, termos e frases que antigamente se usaram e que hoje regularmente se ignoram: obra indispensável para entender sem erro os documentos mais raros e preciosos que entre nós se conservam*. Edição crítica por Mário Fiúza. Porto-Lisboa: Civilização, 1965-6. 2 vol.

WAGNER, Robert-Léon. *Les vocabulaires français*. Paris: Didier, 1967. 2 vol.

Tea and sympathy. A gender strategy in XIXth.century Rio de Janeiro

**Tania Andrade Lima**

The A. initially sketches a picture of tea and tea ritual in England, the core of the Industrial Revolution, and calls attention to their meanings as a tool for women's liberation. Drawing especially on archaeological evidences supplemented by literary sources, she then directs her analysis to the periphery of capitalism and depicts the introduction of tea in Brazil. The tea ritual, clearly under female authority, according to the English model, particularly among the elite, exhibits however a singular middle class peculiarity in XIXth.century Rio de Janeiro, as it is served in a male space par excellence, the dining room. Such an ambiguity is examined together with other more recent rituals (which have dismissed the original tea etiquette as a rite de passage) from the point of view of gender strategies.

UNITERMS: History of tea. Tea ritual. Gender. Rio de Janeiro: XIXth.century.

Inovações técnicas e atitudes intelectuais na literatura açucareira francesa e luso-brasileira da primeira metade do século XVIII

**Rafael de Bivar Marquese**

O A. analisa duas diferentes atitudes mentais diante das técnicas de produção açucareira nas Antilhas e no Brasil, no começo do séc.XVIII, segundo o registro de dois relatos escritos em francês por Jean-Baptiste Labat (1722) e em português por André João Antonil (1711). Chama a atenção para o problema da racionalidade econômica tal como entendida pelos proprietários escravistas do Novo Mundo na busca da inovação técnica.

UNITERMOS: História do açúcar. Antilhas. Brasil, séc.XVIII. Inovação técnica. Racionalidade econômica. Labat. Antonil.

Technical innovation and intellectual attitudes in the French and Luso-brazilian literature about sugar in the first half of the XVIIIth.century

**Rafael de Bivar Marquese**

The A. analyses two different mental attitudes towards sugar production techniques in the Antilles and in Brazil in early XVIIIth.century, as registered by two reports written in French by Jean-Baptiste Labat (1722) and in Portuguese by André João Antonil (1711). Attention is called to the problem of economic rationality as endorsed by New World slave-owners looking for technical innovations.

UNITERMS: History of sugar. Antilles. Brazil, XVIIIth.century. Technical innovation. Economic rationality. Labat. Antonil.

Contribuição ao estudo do vocabulário da habitação. A palavra *casa* nos dicionários da Língua Portuguesa

**Ieda Maria Alves**

A A. empreende o estudo da unidade lexical *casa*, segundo o registro nos principais dicionários da Língua Portuguesa desde o séc.XVIII. Discute os sentidos originais da unidade léxica, os vários grupos sintagmáticos em que foi sendo alocada e a variedade e mudanças de matizes, conforme os diferentes tipos e finalidades de casa. Ela propõe que a pesquisa lexicográfica seja usada como instrumento para o estudo das transformações sócio-culturais.

UNITERMOS: Habitação. Casa. Lexicografia. Dicionários da Língua Portuguesa. Cultura material.

A contributory study of the vocabulary concerning habitation. The word *casa* in the dictionaries of the Portuguese language

**Ieda Maria Alves**

The A. undertakes the study of the lexical unity *casa* (house, abode), as registered by the main dictionaries of the Portuguese language since the XVIIIth-century. She discusses the original meanings of the lexical unity, the various syntagmatic groups within which it can be included and the variety and changes in semantic hues according to the different types and aims of the abode. She argues that lexicographical researches should be used as a contributory tool for the study of socio-cultural transformations.

UNITERMS: Habitation. House. Lexicography. Portuguese language dictionaries. Material culture.

Museus históricos na França. Entre a reflexão histórica e a identidade nacional

**Ana Cláudia Fonseca Brefe**

Os museus históricos são um tema de atualidade no cenário francês. A realização, em fins de 1996, de dois colóquios nacionais problematizando os museus desse gênero, bem como a discussão sobre a reabertura das galerias históricas de Versalhes, no início de 1997, demonstram um interesse crescente pela instituição. Este artigo traça um histórico dos museus de história na França, desde sua matriz inicial, delineada no *Musée des monuments français* durante a Revolução Francesa, até a publicação do *Guide des musées et collections d'histoire en France*, lançado em setembro de 1996. Através deste percurso, procura-se explicitar as inflexões sofridas pela instituição, desde o século XIX até recentemente, buscando, em especial, situar o conjunto de questionamentos que giram ao redor deste tema que, de resto, ultrapassa o contexto francês e europeu.

UNITERMOS: Museu histórico. Museus históricos: França, séculos XIX e XX. História. Público.

Historical museums in France. Between historical reflection and national identity

**Ana Cláudia Fonseca Brefe**

Historical museums are a current subject in today's academic scenery in France. Two conferences on historical museums which took place by the end of 1996, as well as the reopening of the historical galleries at Versailles Museum early in 1997 show a growing interest in this sort of museum. This article reports the development of museums in France, since the early form of the Museum of French monuments, during the French Revolution until the publication, in september 1996, of a Guide to museums and historical collections in France. The A. tries to make clear the changes experienced by these institutions since last century, and to sum up the main arguments around the theme which, after all, goes beyond the French and European contexts.

UNITERMS: History museum. XIXth-century History museums: France. History. Public.